

Leonardo Cecilio: O 7 a 1 e a facilidade de acusar e julgar

11/07/2014

Quarenta e oito horas após a épica derrota que defenestrou a seleção brasileira da Copa do Mundo da FIFA 2014 – e que talvez tenha sepultado a antonomásia do *país do futebol* –, os ânimos continuam compreensivelmente exaltados. A cobertura midiática do abalo do emocional coletivo é impiedosa a nível mundial, e é de se esperar que os debates a respeito permanecerão por um bom período, mesmo nas ocasiões e locais mais inusitados. De todo modo, o esporte vai muito além do suor do atleta, e a derrota por 7 a 1 para o time alemão deixa lições para a vida individual e social de todo brasileiro.

Engana-se por completo quem crê no isolamento do futebol como mais um esporte. Historicamente, a cultura de arena sempre serviu à política do *pão e circo* porque é interessante a determinados setores desviar o foco das atenções do público – que é implacável. No cronograma da Copa 2014, primeiro surgiram os escândalos sobre falcatrues e superfaturamento nos preparativos de infraestrutura. Depois houve festa, e então veio a esperança. Por fim, erros foram cometidos, e agora virão as crucificações.

A menos que sintam na própria pele, as pessoas se esquecem de que o fator psicológico existe – e é levado a sério em qualquer círculo de gestão e liderança. À superioridade técnica, a equipe alemã foi capaz de agregar a superioridade relativa quando se valeu oportunamente do descalabro emocional que afetou jogadores e torcedores brasileiros. Independentemente dos erros táticos que talvez tenham sido repetidos desde o início do campeonato, é fato que a seleção vinha sendo aplaudida e, enquanto vencida, *representava* o País. Ocorre que a opinião pública sempre foi desonesta consigo mesma e os fins acabam hipervalorados em relação aos meios; em todos os aspectos da vida individual ou coletiva, as feridas sempre tendem a ser eternizadas. Talvez seja porque não é o carinho que deixa a cicatriz.

Nesse aspecto, a massa sempre foi estupidamente injusta. No caso dessa Copa, bastou uma única derrota para que os posicionamentos tombassem para o outro extremo e para que se subvertesse qualquer trajetória bem sucedida. Aliás, essa mesma facilidade do ser humano de acusar e de julgar ao estilo *inaudita altera pars* (“sem que se ouça a outra parte”) é a mesma que permeia a vida privada, que cria os rótulos na política e que inflama o processo penal – onde, contra o bom senso e contra a própria lei, o mero ato de apontar alguém como culpado é aceito como presunção de sua responsabilidade. A História está repleta de atuações da tão volátil *sabedoria popular*, apoiada na mentirosa crença de que *vox populi, vox Dei* (“a voz do povo é a voz de Deus”). No passado, a voz popular mudou tantas vezes de lado que chegou a eleger quem mais tarde a calaria, e a se escarnecer da execução de seus próprios heróis. Olhando sob outra perspectiva, curiosamente, o triste episódio vivido pela seleção verde-e-amarelo e por cada cidadão-torcedor parece ter refletido no campo a própria sociedade brasileira: alguns demonstraram garra, outros desespero, e houve até quem desistisse quando algo não ia bem. Mas, lamentável e obviamente, não poderia faltar o elemento *malandragem* – carinhosamente apelidado de *jeitinho* brasileiro, retratado no cinismo de alguns jogadores que simulavam faltas nas mais torpes oportunidades. Preferir ludibriar o árbitro para obter



vantagem do que disputar a posse de bola no campo deixou evidente que a tão enraizada cultura da trapaça como subterfúgio para vencer precisa ser repensada – e foi, infelizmente, escrita com letras garrafais nessa partida. Por outro lado, o adversário alemão mostrou preparo, eficiência e lealdade ao esporte. O resultado não poderia ser outro.

No último ano, sobretudo pelo incremento da tecnologia, parece inaugurar-se no País o despertar de uma (intenção de se ter) consciência política – ainda que rudimentar. No entanto, cabe a cada cidadão refletir sobre seu papel e sua postura no dia a dia para não haver (mais) hipocrisia, concentrando-se a culpa no ícone futebolístico.

Além disso, a vida segue para o cotidiano brasileiro, sobretudo em ano eleitoral, no qual a cartela de candidatos é *incrível*, e em que a falta de diálogo e o desequilíbrio na relação Estado-cidadão está evidente. Bola pra frente. É hora de mexer nas feridas, e há muito o que se fazer. Só que agora não vai ter anestesia.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2014-jul-11/leonardo-cecilio-facilidade-acusar-julgar/>